

## DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

### TAUNAY, PRESIDENTE DE SANTA CATARINA\*

Oswaldo Rodrigues CABRAL

Um poemeto satírico, publicado na década dos oitenta pela imprensa do Desterro, da lavra do dr. Souza Forrobojó – que outro não era senão o Conselheiro João Silveira de Souza, cuja veia poética se revelava nas décimas das “Taunaydas”, sangrando nas rimas toda a sua tremenda ogeriza pelo dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, seu rival e adversário político, assim situa no tempo a chegada do mesmo, como presidente da Província, alguns anos antes:

*“Foi em junho, salvo erro,  
Do ano setenta e seis,  
Que entrada solene fez  
Na cidade do Desterro,  
Que tomou conta da Ilha  
Este “oitava maravilha”!  
Mas, logo à sua chegada,*

---

<sup>o)</sup> Em 1976 a antiga Academia Brasileira de História promoveu em Florianópolis uma reunião especial destinada a comemorar o centenário de Afonso de Taunay, homenagem estendida também ao seu pai, o Visconde de Taunay que presidiu a província catarinense na ocasião em que nasceu o futuro historiador das bandeiras. Em conferência proferida a 1º de dezembro de 1986, Oswaldo Rodrigues Cabral, na época a mais expressiva figura da historiografia catarinense, tratou de “Nossa terra e nossa gente ao tempo em que Taunay nasceu”. Dessa conferência é o excerto que oferecemos aos nossos leitores neste fascículo. De Oswaldo Cabral (1903-1978) já nos ocupamos no nº 129, de 1988, desta publicação.

*Quando o viram de penacho,  
Houve quem dissesse abaixo:  
- “Que Presidente pomada”!*

Estava certo o Conselheiro, pois, com efeito, Taunay desembarcou no Desterro, com sua esposa, justamente a 6 de junho de 1876 e receberia, a 7, das mãos de seu antecessor, o dr. João Capistrano Bandeira de Melo Filho, a responsabilidade do governo provincial.

Pelo visto e narrado no epigrama, desceu fardado - Major que era então - e no vistoso uniforme, colorido e agalado, culminado pelo ornamental penacho de muita vista, das patentes maiores.

Fê-lo corretamente, para impressionar o populacho que, por falta do que fazer, se fazia sempre presente, então, ao desembarque dos passageiros que chegavam, pontualmente, pelos navios da carreira que faziam, escala em nosso porto, cruzando-se aqui os que vinham do norte com os que subiam do sul e, muito mais, a estas cerimoniosas recepções de Presidentes e outros dignitários, quando formava a tropa e o alto mundo comparecia de sobrecasaca e cartola...

Havia música e barulho d'armas - coisas irresistíveis aos ilhéus daqueles tempos - embora, não obstante, muito mais concorridos do que as recepções fossem então, sem a menor dúvida, os bota-foras, as despedidas dos presidentes que partiam, pois, além das presenças obrigatórias dos figurões locais, ao longo da Praça e do trapiche da Alfândega, havia sempre, ou quase, o tradicional “esfogueamento” - a despedida proporcionada pela oposição.

Taunay era deputado por Goiás e o Gabinete Caxias o colocou na presidência de Santa Catarina, nomeando-o a 26 de maio de 1876. Já era, então, major, como se disse, e casara no ano anterior com Dona Cristina Teixeira Leite, filha dos Barões de Vassouras. Quando o casal chegou ao Desterro, já vinha a ilustre dama no derradeiro mês de sua gestação - e de se admirar de como se encorajou de fazer a viagem em seu estado - e aqui lhe nasceu o primogênito - Afonso - ilustre historiador patricio, dos mais fecundos, idôneos e completos na especialidade destas letras - que entrou na vida presente justamente a 11 de junho no próprio Palácio do Governo da Província.

Desterro era então a vila pacata cuja fisionomia urbana oitocentista só se alterou, mesmo, nos últimos trintas anos da atual

centúria (XX) ... Entreposto comercial, vivia em função do seu do seu porto, freqüentado semanalmente por numerosas embarcações nos começos, que ostentavam as cores das mais variadas bandeiras e, na segunda metade do século XIX por navios que vinham da Corte e se dirigiam para o Prata, e que lá volviam, aqui se cruzando semanalmente.

Era uma cidade cujo foros lhe foram concedidos em 1823 pelo primeiro Imperador e que não se distinguia de tantas outra litorâneas que haviam sido semeadas por toda a costa de norte a sul. A sua vida era tranqüila e raros acontecimentos agitavam a sua pacatez, cidade gostosa, de grandes ócios e limitadas preocupações, onde se passava bem de boca e mal de vida - bem, porque tinha de tudo, mal porque só não havia conforto.

A política era o “esporte” nacional mais cultivado, estremando-se os partidários numa espécie de clubismo só comparável ao futebol de hoje...

A sua sociedade esforçava-se por imitar a da Corte, como qualquer outra do país - e quando aqui chegou o Major-Doutor que nos vinha presidir a província, já havia clubes que abriam seus salões para as “partidas”, como então se chamavam as reuniões sociais, fossem ou não dançantes, substituídos os salões particulares das casas abastadas dos grandes senhores da terra, armadores e comerciantes que eram dos donos das fortunas melhores, das famílias que podiam conservar ou ampliar o lustre dos seus nomes tradicionais, das que podiam melhor educar as filhas e destiná-las aos melhores partidos pelo casamento...

Um daqueles clubes ainda existe - e se olvidados andam hoje os seus associados do brilho que deram aos seus salões a freqüência de um Osório, que nele se banqueteu, ou de um Taunay, homem de sociedade que não demorou em se integrar no rol dos seus freqüentadores e de particular de seus serões - é preciso que se faça recordar que, sem dúvida, tal aconteceu e que Taunay em '76 participava de fato das atividades sociais e não apenas a ela comparecia para “dar o ar de sua graça”... Recolhemos da imprensa coeva o fato de que, num dos seus saraus lítero-musicais da época, o Presidente da Província chegava a recitar; que as virtuosos do momento executaram “Jalousie”, peça de sua inspiração e autoria. E, lembremos, “Inocência” estava sendo publicada em folhetim...

(...) A Desterro que Taunay pai conheceu e que Taunay Filho teve por berço e na qual só chegou a colocar os pés já homem feito, adulto, com a prata dos cabelos denunciando-lhe dos anos os trabalhos, pois daqui saiu de colo, com apenas seis meses de nascido ainda por completar, a Desterro que deveria ter sido e, infelizmente, não foi a cidade de sua infância e palco das suas travessuras, a Desterro que foi a nossa e não chegou a ser dele, era uma pobre cidade de ruas estreitas e mal empedradas, isto as do centro, pois as mais distantes eram apenas de terra batida, de barro e areia calcada pelos pés dos escravos, repletas de crateras lunares, fartas de pó quando a conta dos dias andava longa com o sol caminhando de horizonte a horizonte, ou inundadas de lama quando a conta deles era de chuva.

Andava-se a pé ou a cavalo - o portal das casas ostentava argolas para prendê-los - e nunca se referiam os cronistas à existência, em qualquer época, das vistosas cadeirinhas ou das pesadas carruagens. Nem as registram os inventários. Havia, isto sim, um ou outro carro e alguns tilburis familiares, nos quais iam os senhores do alto comércio e influências das classes conservadoras, dos seus sobrados urbanos às chácaras e sítios da Tronqueira, do Mato-Grosso, da rua do Passeio - que ficavam, então, por assim dizer, “fora de portas” - e vice-versa.

Usavam-na somente aqueles que, via de regra, já ostentavam um “status” financeiro que se refletia amplitude abnorminal que se via devidamente ornamentada pelo ouro dos correntões dos relógios - amplitude que não se compadecia com a possibilidade do trajeto a cavalo, menos por compaixão da montaria do que pelas dificuldades cinegéticas de montá-las.

Eram as ruas mal cheirosas, no centro, angustiadas e sem sol, ladeadas de casas de porta e janela e onde, de longe em longe, nas mais concorridas pelo comércio, haviam surgido os primeiros sobradinhos de dois pisos - o térreo para os negócios, os altos para a família. Mal cheirosas por serem o depósito de quanto se rejeitava e não se queria jogado no fundo dos quintais - e corria por elas, morno e excrementício odor das alimárias que, presas às argolas das portas, adubavam a via pública com os excessos da sua economia orgânica, adubo revolvido pela disputa das galinhas que se criavam soltas (e sem despesas...) e que corriam assustadas

pelas matilhas de cães preocupados em perseguição amorosa, como dizia um jornalista coevo, a “uma ditosa de sua espécie”.

Não havia iluminação bastante para afugentar das vias públicas os fantasmas que freqüentavam - negros escapados à vigilância dos senhores, em busca de um canto de quintal resguardado das patrulhas, para o cochicho amoroso; soldados da guarnição do Depósito, em busca das marafonas no Beco-Sujo, disputando-as aos marinheiros com atrasos da escrituração sentimental, no próprio reduto deles, lá para os lados da Figueira, ou junto a Santa Bárbara, onde os conflitos não eram raros uma vez que a cachaça era farta e o femeeiro numeroso...

(...) Quando Taunay chegou com a esposa ao Desterro, o ambiente local já havia sossegado das agitações que haviam proliferado ao fim do governo do dr. João Tomaz da Silva, que plantara muitas iniciativas na província mas não lograra tranquilizar os seus dias. Já então o ambiente retomara parte daquela modorrenta pasmaceira que a tantos impressionara e que por ela haviam procurado caracterizar terra e gente - um povo insatisfeito e inconformado, muitas e freqüentes vezes, por se sentir condenado à prisão do “sem ter o que fazer”, permanentemente à espera dos navios com as novidades da Corte a fim de quebrar a monotonia do dia-a-dia, o ramerrão das horas arrastadas com a enervadora lentidão das conversas sem propósito...

Taunay conheceu uma cidade que acabara de sair de uma destas crises de afirmação, cansada e esquecida de si mesma, descuidada dos seus atrativos, sem ter mesmo rendas e meios para promove-los - e que mais do que nunca só não se fechava aos boatos, ao diz-que-me diz, às inconfidências que corriam pelas boticas, plenário tradicional e acústico dos fuxicos políticos da época, distilados enquanto o farmacêutico, geralmente o maioral de um clã partidário, ia preparando, entre palpites lançados do seu “Sanctus Santorum”, através dos balões de vidros coloridos de água anilada de “blau” e “goles” que enfeitavam os balcões, a teriaga receitada por um esculápio do mesmo clã a um correlegionário da mesma seita; ou então surgidos entre caixotes, barricas e fardos onde se abancavam os circunstantes, à frente das prateleiras dos comércios dos armadores da praça, também por condição e tradição cardiais do partidarismo, pois eram os homens do dinheiro, que jamais deixou de ter voto e voz no Cabido dessas atividades. O liberalismo

criava-se nas boticas; o alcatrão era o meio de cultivo das exuberantes colônias conservadoras.

De fato, o ambiente havia melhorado politicamente, embora restassem ainda alguns remanescentes das arestas surgidas - coisa que por mais que se esforçasse, não lograra o ilustre antecessor do Major-Presidente riscar do mapa dos ressentimentos.

(...) Taunay viu-se livre de problemas, assumindo o governo de uma terra presumivelmente pacificada, não sentiu as marolas das tempestades levantadas em tijelas de barreado francisquense, preparadas pelo temperamental chefe do seu Partido aqui, e que, natural daquelas pitorescas e queridas paragens, por isto mesmo, sabia cozinhar em fogo lento e assoprar sempre a favor dos ventos que vinham da Corte, da cúpula partidária - pois não era político ingênuo, muito ao contrário - para fazer cama onde se esparramassem os pretendentes, nem vestir sobrepelizes em políticos de sacristia...

Já no dia seguinte à posse, depois das despedidas ao seu antecessor, visitou as obras da Alfândega, em fase de conclusão, o Quartel do Depósito e, como cortesia, a Câmara perante a qual prestara o compromisso. E com tais visitas começaram os passeios pela urbe, tomando providências diretas e determinando outras, a fim de melhorar o aspecto da cidade. Seus officios à Câmara e às autoridades foram freqüentes e, muitas vezes, incisivos. Eram ordens.

Interessou-o, sobremaneira, vestir a cidade com a roupagem da limpeza, do asseio, de que andava tão descuidada. E razão lhe assistia. Apesar dos celebrados “ares”, tão decantados pelo bairrismo ou, melhor, pelo ufanismo dos nossos maiores, a verdade é que as epidemias que invadiam o país, castigavam duramente a população do Desterro. Só quando elas apareciam é que se esqueciam os tais “ares salubérrimos”, para encarar a realidade, para se virarem todos contra os miasmas responsabilizados pela febre amarela, pela varíola, pela cólera, pela malária, pela meningite, que nos visitaram e nos afligiram.

Naqueles mesmos dias, a febre amarela já forçara a sua entrada no Desterro. O seu hospital já agasalhava alguns casos da “bicha”. E embora a Repartição de Saúde negasse a existência do mal, a ele sucumbiria, nos fins daquele mesmo mês de junho, entre outras vítimas, a esposa do

Capitão-Tenente Jacinto de Mendonça Furtado Paes Leme, neto do Marquês de Quixeramobim, um dos construtores da nossa Independência, dona Rosalina Vilela Pais Leme, a mais ilustre educadora que nasceu, no século passado, em nossa Província.

Taunay promoveu obras de saneamento, evidentemente de acordo com os precários conhecimentos da medicina preventiva de então, mas o Major Antônio Florenço Pereira do Lago, seu engenheiro de obras, fartou-se por ordens suas, de limpar fontes de abastecimento de água, que eram mais contaminadas do que a imaginação poderia conceber, a catar inimizades, obrigando os proprietários à abertura de valas para escoamento das águas estagnadas, à limpeza dos quintais, depósitos de todos os detritos e de todos os dejetos, ao cuidado da caiação das moradias, medidas todas que então se recomendavam como eficientes - e que até certo ponto eram mesmo - para conservar a salubridade tão estimada quanto irreal.

O epigramista celebrou a ação do improvisado sanitarista traçando na ironia dos seus versos aquilo que hoje é o seu elogio:

*“Presidente de alta grimpa  
Tantas fontes tu limpaste  
Que até o nome alcançaste  
De Major da “fonte limpa”...  
E aos nossos ares impuros,  
Aos regos, canos, monturos  
Da nossa pobre cidade  
Votaste tal ojeriza  
Que tomaste por divisa  
Guerra, morte à sujidade!*

*Este famoso acrobata,  
Que nos seus saltos mortais,  
Veio cair de Goiás,  
Na nossa terra pacata,  
Saiba agora todo mundo,  
Saibam Dom Pedro Segundo  
E sua Imperial Alteza  
- É o nosso Major doutor  
Dom Alfredo, o “caiador”,  
O Presidente Limpeza...”*

No meio da irônica descrição, escapou-lhe, todavia, o depoimento que vale por um atestado:

*“Nada escapou-te à zelosa  
Vigilância providente!...”*

E foi assim mesmo. Meteu os olhos em tudo, cuidou de tudo, fiscalizou, ditou, exigiu. A nossa Praça, cartão postal da cidade, coração da urbe que, desde os dias do fundador vem marcando o ritmo da pulsação de toda a nossa vida, pois nela os fatos mais significativos da nossa história tem tido o seu palco, há um século atrás não passava de um potreiro, onde todos os cavalos da cidade, quando de folga, marcavam encontro para calmamente pastar - e o nosso Presidente, que não se conformava em ver o principal logradouro da cidade transformado em compáscuo, sempre que, das janelas do Palácio, contemplava o abuso, mandava imediatamente que fossem os animais recolhidos e multados os seus donos.

(...) Mas, não ficava na “maquillage” da Capital a soma das medidas de Taunay, a cuja acuidade não escaparam muitos outros fatos que revelavam as deficiências existentes em nosso gênero de vida. Muitas medidas de segurança foram tomadas pelo jovem Presidente, inclusive algumas relativas à prevenção de incêndios e na de acidentes de trabalho. Não limitando sua ação aos problemas da Capital, Taunay, nos poucos meses que governou Santa Catarina ainda encontrou tempo para visitar as colônias (que se tornaram as “meninas dos seus olhos”) e cidades do litoral, buscando conhecer as suas necessidades.

A 29 de julho, dois meses de sua chegada à Capital, inaugurava ele o edifício da Alfândega, o mesmo que, hoje, devidamente tombado, se encontra em fase de reconstrução e restauração como obra arquitetônica tipicamente aceita para edifícios destinados a este fim, sendo o daqui um decalque do projeto executado por Grandjean de Montigny para o prédio da Visconde de Itaboraí, no Rio de Janeiro.

Acusou-se Taunay de, impelido pela vaidade ter mandado colocar na placa da inauguração o seu nome. De fato - e nada demais encontramos nisto, não fora o esquecimento de se incluir o nome de Bandeira de Melo Filho, pois se João Tomé colocou a pedra angular e Taunay o inaugurou, é bem verdade que as obras se adiantaram durante

a gestão do referido Presidente. Foi solene o ato de inauguração, realizado a uma hora da tarde, com honras militares pelo 17º Batalhão e duas bandas de música e, no salão nobre com os discursos de praxe além de outros extras e até mesmo um recitativo, que não foi do Presidente... À noite houve baile, com 400 convidados, fartura de doces e bebidas. Taunay teve de aturar numerosos brindes. A imprensa não fez referência à presença da esposa do Presidente, o que se compreende.

Já nos derradeiros dias de seu governo Taunay inauguraria o monumento aos heróis da Guerra do Paraguai, no centro da praça, registrando-se o mesmo cerimonial, numerosos discursos, mas não houve - nem haveria cabimento - nem bailes nem brindes. A imprensa glosou mais uma vez a vaidade presidencial traduzida nos dizeres de uma das placas: “Reinando S. Majestade o Imperador Dom Pedro II, foi começado na presidência do Exmo. Dr. João Tomé da Silva e concluído na do Exmo. Dr. Alfredo d’Escragnonle Taunay. Ano de 1876”.

E glosou porque, segundo as más línguas da época, Taunay mandou rematar o monumento sem que estivesse ele acabado, só para colocar o seu nome na placa. Pode ser, mas a verdade parece conter algumas atenuantes: não havia verba para a conclusão do monumento, faltou dinheiro e o centro da praça apresentava já algumas ruínas do que se construira, de cambulhada com material de construção abandonado. Taunay interessou-se pelo caso e não quis deixar o monumento em tão lastimável estado e pediu a Caxias que lhe cedesse as granadas imprestáveis existentes no depósito de material bélico, para cobrir e dar remate ao pedestal de coluna até hoje sem o fuste de muitos metros que terminaria num relicário de vidro, onde se depositaria a veneranda bandeira dos Voluntários da Pátria de Santa Catarina.

Taunay, como é sabido, e ninguém jamais escondeu, foi sempre um homem vaidoso e deu aos seus biógrafos as mostras deste ângulo de sua personalidade. Bem nascido, ilustre pelo sangue, enobrecera-se pelo talento, dádiva da Providência que soube aproveitar. Instruído, culto, como escritor seu nome já corria mundo, então, com a “Retirada da Laguna”. “Inocência” ainda seria considerada uma obra prima da literatura nacional. Cultivava a música, senão com o mesmo sucesso com que perlustrava as letras, pelo menos as suas melodias românticas agradavam

os ouvidos daquele século, ainda não poluído pela cacofonia das sonoridades mecânicas que são o apanágio do nosso.

Corre como certa a notícia - boato maldizente, talvez - de que Taunay sofria do desapontamento de lhe ter nascido o primogênito aqui em Santa Catarina. Não é aceitável a afirmação. Se não quisesse não teria trazido a esposa, com todos os riscos, que então não eram poucos, de uma viagem às vésperas de lhe dar o herdeiro... E Taunay filho, o grande Afonso, cuja memória estamos a celebrar nestes dias, com o júbilo e justiça, que nunca foi catarinense, porque as circunstâncias lhe negaram esta oportunidade, jamais esqueceu ou negou que aqui tivesse nascido. Mais ainda: honrou-a e engrandeceu-a, e não apenas à Desterro em que abriu os olhos, mas que só viu mesmo depois de vencida a maturidade, mas a nossa pátria toda inteira, a que serviu com dedicação indormida, expoente que se fez da sua cultura e arauto das suas glórias, enobrecendo ainda mais os heráldicos títulos que lhe ornaram o nome.